

Ensino, pesquisa e extensão: o botânico Honório da Costa Monteiro Filho

*Teaching, research,
and extension service:
botanist Honório da Costa
Monteiro Filho*

Massimo G. Bovini

Pesquisador do Instituto de Pesquisas
Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ).
Rua Pacheco Leão, 915
22460-030 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
mbovini@jbrj.gov.br

Ariane Luna Peixoto

Pesquisadora-associada do JBRJ e bolsista do CNPq.
Rua Pacheco Leão, 915
22460-030 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
ariane@jbrj.gov.br

Recebido para publicação em fevereiro de 2011.
Aprovado para publicação em setembro de 2011.

BOVINI, Massimo G., PEIXOTO, Ariane Luna. Ensino, pesquisa e extensão: o botânico Honório da Costa Monteiro Filho. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.19, n.4, out.-dez. 2012, p.1171-1190.

Resumo

O artigo revisita a obra de Honório da Costa Monteiro Filho e enfatiza sua contribuição valiosa para o estudo da botânica econômica e a taxonomia das Malvaceae brasileiras. Muitos de seus cerca de setenta artigos ainda hoje são citados, mas pouco se sabe sobre seu importante papel na formação de agrônomos envolvidos com a caracterização da flora brasileira e na criação da Sociedade Botânica do Brasil, bem como sua atuação em projeto de reforma do ensino agrônomo no país. Foram pesquisados a obra completa de Monteiro Filho, documentos em arquivos, sua correspondência e suas observações em etiquetas de plantas em herbários, e realizadas entrevistas com pessoas de sua convivência.

Palavras-chave: Malvaceae; *Sida*; Honório da Costa Monteiro Filho (1899-1978); Escola Nacional de Agronomia; Sociedade Botânica do Brasil.

Abstract

The article revisits the work of Honório da Costa Monteiro Filho, highlighting his contribution to the study of economic botany and the taxonomy of Brazilian Malvaceae. Many of his seventy articles, are still cited. Yet little is known about his important role in educating agronomists involved with Brazilian flora and the creation of the Botanical Society of Brazil. These topics are discussed in the article, along with his work on a project to reform the teaching of agronomy in Brazil. The entire works of Monteiro Filho, archival documents, his correspondence with other scientists, and his observations on plant labels in herbaria were researched; interviews were also conducted with people with ties to him.

Keywords: Malvaceae; Sida; Honório da Costa Monteiro Filho (1899-1978); Escola Nacional de Agronomia; Sociedade Botânica do Brasil.

Escrever sobre Honório da Costa Monteiro Filho (1899-1978) e sua contribuição ao conhecimento das espécies de plantas da família Malvaceae não foi tarefa simples. Além de não termos vivenciado sua época, parte de seus artigos e notas publicados encontra-se dispersa em revistas que tiveram vida efêmera, revistas de circulação restrita e anais de congressos, obras, portanto, de difícil acesso. Por outro lado, o cientista deixou acervo de documentos escritos (de próprio punho ou datilografados), com informações preciosas sobre seus estudos e suas atividades em sociedade, que foi preservado, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), pelos professores que o sucederam no labor do ensino de botânica na instituição. Foi na então Escola Nacional de Agronomia, junto ao Departamento de Biologia Vegetal, que Monteiro Filho desenvolveu durante 34 anos a maior parte de suas atividades em ensino, pesquisa e extensão.

A UFRRJ, hoje uma universidade *multicampi*, mantém em Seropédica seu maior *campus*, com área de 3.024 hectares. Tem aproximadamente oitocentos professores e 12 mil alunos matriculados em 55 cursos de graduação e cerca de 1.250 alunos de pós-graduação. Ao nos debruçar sobre a trajetória acadêmica e social de Monteiro Filho, procuramos buscar insumos para melhor entender o desenvolvimento dos estudos das Malvaceae brasileiras par a par a múltiplas atividades envolvendo ensino, extensão e gestão universitária praticadas por esse professor entre as décadas de 1930 e 1970.

Embora tenha estudado plantas pertencentes a diversas famílias botânicas, a maior parte de suas pesquisas publicadas refere-se a espécies de Malvaceae, família botânica que atualmente inclui as espécies de plantas antes tratadas como integrantes das famílias Bombacaceae, Sterculiaceae e Tiliaceae (APG III, 2009). Com essa circunscrição, são apontadas para o Brasil, na *Lista de espécies da flora do Brasil*¹ (JBRJ, 2012), 752 espécies pertencentes a 69 gêneros (Bovini, Esteves, Duarte, 2012). Muitas malváceas são produtoras de fibras e detêm grande interesse econômico. Gênero de plantas com o qual Monteiro Filho mais trabalhou, o *Sida* possui espécies que, além de fibrosas, podem ser invasoras de culturas e abrigar doenças e pragas que também afetam o algodão, despertando por isso forte interesse agrônomo. No Brasil ocorrem 91 espécies de *Sida* (e quatro variedades), das quais 55 são endêmicas (Bovini, 2012).

Para estudar a contribuição de Monteiro Filho à botânica e seu papel na formação de agrônomos envolvidos com o conhecimento e a caracterização da flora brasileira, buscamos encontrar insumos que pudessem mostrar seu ideário e envolvimento em projeto mais amplo e reformador do ensino agrônomo no país e na construção de um ambiente propício ao ensino e à pesquisa em botânica.

Com esse objetivo, procuramos primeiramente localizar toda a obra publicada por Monteiro Filho e, a partir dela, analisar sua contribuição ao conhecimento das Malvaceae brasileiras. Concomitantemente buscamos documentos sobre o local em que a obra foi predominantemente desenvolvida, de modo a entender o ambiente de trabalho do cientista. Assim, na UFRRJ foram feitas visitas ao Departamento de Botânica, consultando principalmente o herbário (RBR)², fundado em 1916, que agrega as coleções antes pertencentes ao Serviço de Plantas Têxteis e à Seção Experimental de Agrostologia, ambos do Ministério da Agricultura, e doadas ao herbário na década de 1940, e a coleção Honório Monteiro (Departamento..., 1983). Os exemplares depositados no herbário colecionados e/ou

estudados por Monteiro Filho, bem como os fichários contendo dados sobre as exsicatas do herbário e observações nelas anotadas pelo cientista, mostraram-se essenciais para a compreensão de seu trabalho de professor e pesquisador.

Outra significativa fonte primária para dimensionar sua contribuição consistiu em documentos variados, principalmente arquivos com manuscritos dos artigos enviados para publicação, em diferentes versões corrigidas à mão no texto datilografado; correspondências trocadas entre Monteiro Filho e outros cientistas; documentos referentes à Sociedade Botânica do Brasil, guardados pelo cientista e preservados pelos diversos professores que o sucederam no Departamento de Botânica da UFRRJ.

Duas entrevistas³ complementam a coleta de informações, uma com Maria do Carmo da Costa Monteiro, filha de Monteiro Filho, agrônoma, botânica e professora do Departamento de Botânica de 1949 a 1994, quando, aos setenta anos, se aposentou. Desempenhou também cargos de chefia de departamento e direção de instituto. É citada por Oliver, Figueirôa (2007) e Oliver (2009) como uma das nove mulheres graduadas nas décadas de 1930 e 1940 pela Escola Nacional de Agronomia. No ambiente de trabalho, portanto, conviveu com Monteiro Filho tanto como discente quanto como docente. O segundo entrevistado é Adriano Lucio Peracchi, agrônomo, zoólogo, formado pela UFRRJ em 1957, tendo sido aluno de Monteiro Filho na graduação nas disciplinas de morfologia e sistemática vegetal. Ingressou, como professor, no Departamento de Biologia Animal da Universidade em 1962 e, ao longo da carreira, foi chefe de departamento, diretor de instituto e reitor da UFRRJ, estando hoje aposentado, embora se mantenha em atividade acadêmica, vinculado a programas de pós-graduação da UFRRJ, além de pesquisador bolsista do CNPq; sua visão de gestor universitário, aliás, foi um dos fatores que motivou nossa opção por entrevistá-lo.

Os trabalhos publicados por Monteiro Filho estão listados na Tabela 1, só sendo mencionados nas Referências os cinco sobre os quais há comentários específicos no decorrer do texto.

De Pernambuco para a capital da República

Nascido em 16 de abril de 1899, em Goiana (PE), Monteiro Filho graduou-se engenheiro-agrônomo pela Escola de Agronomia de Pernambuco em 1919. Casou-se com Maria do Carmo L. Monteiro, e dessa união nasceram 11 filhos. Foi professor de física e matemática da Faculdade de Comércio de Pernambuco, de 1920 a 1933; e de astronomia, geologia e mineralogia da Escola Politécnica de Pernambuco, cuja direção assumiu de 1925 a 1932. Chefiou a Seção de Estatística Agrícola da Diretoria-geral Estatística de Pernambuco de 1929 a 1933, quando se mudou para o Rio de Janeiro (entrevista com Maria do Carmo da Costa Monteiro).

Em 1934 foi admitido, por concurso público, como professor de botânica da Escola Nacional de Agronomia (ENA). Segundo a historiadora Sônia Regina de Mendonça (1998), a trajetória da ENA está estreitamente relacionada ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, criado em 1909 por iniciativa da Sociedade Nacional de Agricultura que tinha como uma de suas metas a modernização dos setores agrícolas do país. O serviço de ensino

agronômico desempenharia papel fundamental nessa modernização. Sua criação vincula-se ao decreto presidencial n.8.319, assinado por Nilo Peçanha em 20 de outubro de 1910.

Em 1911 a ENA foi instalada no palácio do duque de Saxe, hoje Cefet Celso Suckow, no bairro Maracanã, Rio de Janeiro, e inaugurada dois anos depois, sendo seu primeiro diretor o agrônomo Gustavo Dutra. Até a década de 1930, quando Monteiro Filho lá ingressou como professor, a instituição passou por diversas mudanças, tanto físicas (espaços ocupados), quanto de subordinação administrativa (vinculação institucional), como parte do processo de institucionalização do Ministério de Agricultura, ao qual estava subordinada. Tratando da pesquisa agropecuária federal no período compreendido entre a República Velha e o Estado Novo, Rodrigues (1987) mostra parte dessas mudanças.

Quando Monteiro Filho a ela se incorporou, a ENA estava sediada na Praia Vermelha, no bairro da Urca, e o Ministério da Agricultura se mostrava eferescente em decorrência de reforma desencadeada em 1933, “a mudança mais radical jamais experimentada por aquela pasta”, segundo Rodrigues (1987, p.135). Nesse período, Monteiro Filho, com os demais professores da ENA, fez parte de um projeto político em que a agronomia simbolizava o domínio do homem sobre a natureza, salientando a importância econômica de suas disciplinas (Oliver, 2009). Esse projeto destacava a necessidade de criar universidades em moldes modernos, que funcionassem como “unidade administrativa e didática” (Motoyama, 2004, p.265).

Duas atividades, resultantes dessa reforma – pós-Revolução de 1930 – podem ser destacadas como muito relevantes nas desenvolvidas por Monteiro Filho: a criação do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas (Cnepa) pelo decreto-lei 982, de 23 de dezembro de 1938, e o início das obras de construção do *campus* da Escola Nacional de Agronomia, no km 47 da estrada Rio-São Paulo, em novembro de 1938. O Cnepa era formado pela ENA, o Instituto de Química Agrícola, o Instituto de Ecologia Agrícola e o Instituto de Experimentação Agrícola. A ele, posteriormente, foram incorporadas outras instituições, de criação tanto anterior quanto posterior, propiciando vários rearranjos organizacionais no serviço agrônomo estadual e federal.

Rodrigues (1987, p.140) afirma que “foi o grande arco do intervencionismo estatal no campo da investigação científica. Com o Cnepa concretiza-se a articulação da pesquisa e experimentação agrícolas com o ensino agrônômico em seus diferentes níveis de especialização, coordenada por um único órgão”.

Oliver (2009, p.105), tratando da institucionalização das ciências agrícolas e seu ensino no Brasil nas décadas de 1930-1950, afirma que “talvez por esse contexto [coordenar as atividades investigativas e aquisitivas reunindo-as], as escolas ou cadeiras, que ofereciam um treino científico, tornaram-se com o tempo local de pesquisa agrícola. Por vezes, congregavam todos os perfis institucionais, buscando estabelecer plantações e criações de animais, montar laboratórios, mapear as regiões agrícolas, medir estatisticamente e fotografar as produções, montar exposições de produtos vegetais, animais e industriais, trocar correspondências, visitar fazendas, criar bibliotecas, herbários, micotecas, coleções zoológicas, entomológicas, geológicas e de maquinários, etc.”

Monteiro Filho se envolveu em muitas atividades tanto na consolidação do Cnepa como na construção, instalação adequada de espaços para ensino, pesquisa e extensão no

novo *campus* “por limitações de espaço elas não serão analisadas neste artigo”, onde passaram a residir, no final da década de 1940, seus pesquisadores, docentes e técnicos, e todo o alunado. Cabe ressaltar, entretanto, que nestes dois momentos – a consolidação do Cnepa e a do *campus* universitário –, Monteiro Filho, pelas atividades desenvolvidas, além de professor, estabeleceu e ampliou parcerias que muito influenciaram os destinos do ensino e da pesquisa agrônômica na ENA e no Ministério de Agricultura.

Na década de 1940 o Cnepa foi reorganizado⁴, e os cursos de aperfeiçoamento e especialização tomaram a dimensão de programas de pós-graduação para áreas específicas dos currículos de agronomia e veterinária. Foi criado o Conselho Universitário, consolidando a Universidade Rural.

Com a instalação do *campus* em Seropédica, era necessário romper a distância entre a cidade do Rio de Janeiro e o município de Itaguaí, onde ficava o *campus*; criar ambiente favorável à vida da comunidade universitária (docentes, discentes, pesquisadores e pessoal técnico-administrativo) que residia no *campus*; continuar o processo de equipar os laboratórios e as áreas de experimentação. Monteiro Filho, então diretor da ENA, envolveu-se nessas três atividades não apenas como gestor acadêmico, mas como professor e pesquisador. Podem ser considerados indícios de seu compromisso e envolvimento em diferentes labores, bem como de que suas atividades obtiveram sucesso, os fatos de ter recebido e alojado professores e pesquisadores; ter participado da construção de um ambiente universitário de estudo e sociabilidade; ter buscado informação sobre novos equipamentos e tê-los adquirido; ter realizado viagens com estudantes em busca de conhecimentos e consolidação de parcerias.

A prática de receber e alojar professores e pesquisadores – muitas vezes com suas famílias – que vinham desenvolver atividades na Universidade, as viagens constantes às instituições sediadas no Rio de Janeiro, cartas, notas e telefonemas venceram o desafio da distância. A professora Maria do Carmo Monteiro afirmou em entrevista que pela manhã bem cedo o telefone de casa sempre tocava. Na maioria das vezes era Liberato Barroso⁵ para conversar com seu pai sobre questões técnicas relativas à implantação de experimentos; maneiras de analisar dados sobre culturas agrônômicas, especialmente de algodão; plantas que deveriam ser incorporadas às aulas práticas dos cursos de graduação em agronomia da ENA e do Cnepa. Encontramos, nos arquivos consultados, correspondência manuscrita, informal de Liberato Barroso para Monteiro Filho, sugerindo a inclusão de algumas espécies produtoras de fibras em aulas de sistemática vegetal.

No novo *campus*, Monteiro Filho teve destaque na construção de um ambiente de sociabilidade que unia estudantes, professores e servidores. Recebeu em sua casa uma estudante de graduação de agronomia que residiu com sua família durante todo o curso – de acordo com informação da professora Maria do Carmo Monteiro em entrevista ao autor, ainda não havia alojamento feminino no *campus*. Também se empenhou na integração da comunidade que se instalava em Seropédica com os moradores locais e com a sede política do município de Itaguaí. O título de cidadão itaguaiense que recebeu da Câmara Municipal, em 1963, é demonstrativo das relações que cultivava.

Ficaram célebres as partidas de futebol entre professores e alunos, organizadas por Monteiro Filho e assinaladas em várias notas, também comentadas por Peracchi, na

entrevista que nos concedeu: “Amante do futebol, sempre que possível jogava bola, organizando ou participando de jogos”. Oliver (2009, p.135), quando trata da excursão de final de curso de engenheiros-agrônomo da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz acompanhados de professores à ENA, em 1949, relata alguns comentários: “No almoço, no restaurante localizado no refeitório dos estudantes chegaram outros estudantes da ENA para comentar sobre os jogos internos de futebol do torneio ‘Honório Monteiro’ e sobre o torneio ‘29 de outubro’”. Acrescenta que esse torneio, iniciado em 1948 por iniciativa do ministro da Agricultura Daniel de Carvalho e por ocasião da inauguração do ginásio de esportes da ENA, reunia quase todas as associações atléticas de escolas agrícolas do país. Mais recentemente, o jornal da UFRRJ, *Rural Semanal*, noticia que em sua homenagem há um campeonato na Universidade que leva seu nome: Campeonato de Futebol da Agronomia Honório Monteiro (Araújo, jun. 2008).

Peracchi nos informou também que Monteiro Filho, além de grande latinista, era estudioso da Bíblia e que reunia regularmente a comunidade para leituras do texto sagrado. Ele e sua família, aliás, movimentavam a comunidade residente no *campus* em torno de atividades religiosas, o que, cabe supor, teria contribuído para que o cientista fosse agraciado com a medalha Cruz de Ouro Pro Ecclesiae et Pontifice, outorgada pelo Vaticano, em 1954.

Equipar salas de aula, laboratórios e áreas de campo para experimentação com o que havia de mais moderno na época foi desafio perseguido por professores que compartilhavam ideais de modernização do ensino agrônomo, entre os quais estava Monteiro Filho. Muitos dos modelos de partes de plantas em cerâmica, gesso ou metal, os equipamentos de projeção de imagens de páginas de livros então adquiridos, balanças, microscópios e lupas encontram-se ainda expostos nas atuais salas de aula. Catálogos (até recentemente integrantes da biblioteca setorial do Departamento de Botânica) de empresas estrangeiras exportadoras de equipamentos para laboratórios, muito deles com notas manuscritas sobre questões a esclarecer com essas empresas a respeito dos equipamentos, demonstram o envolvimento de Monteiro Filho e seus contemporâneos na instalação de laboratórios para diferentes áreas das ciências agrárias. Nessa atividade, certamente a formação de engenheiro-agrônomo e a experiência de ensino de matemática, estatística e física foram importantes aliados.

Foi no Departamento de Biologia Vegetal, que reunia as áreas de botânica, fitopatologia, microbiologia e entomologia agrícola, que Monteiro Filho desenvolveu a maior parte de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, sendo de extrema importância para essas áreas seu conhecimento taxonômico não apenas das malváceas, mas em diferentes grupos de plantas de valor econômico. Era um didata, cativando seus alunos nas disciplinas que ministrava nos cursos de graduação, extensão e especialização do Cnepa. Segundo Peracchi, era um professor amável e atencioso com seus alunos.

Ministrava aulas em sala, sempre com plantas vivas para dissecar e examinar, mas, informam os entrevistados, também as ministrava em campo, em longas caminhadas pelo *campus* universitário e em áreas adjacentes, prática ainda hoje utilizada por docentes da UFRRJ.

A criação da Sociedade Botânica do Brasil

No final da década de 1940, Monteiro Filho empenhou-se, juntamente com outros eminentes cientistas da época, na criação de uma sociedade científica voltada para a biologia vegetal. Durante o segundo Congresso Sul-americano de Botânica realizado na cidade de Tucumán, Argentina, de 10 a 17 de outubro de 1948, os 18 botânicos brasileiros que participavam do evento (Figura 1)⁶ tiveram oportunidade de discutir propostas nesse sentido. Alvin (2000) informa que João Geraldo Kuhlmann, um dos mais entusiastas defensores da proposta, sugeriu que se criasse uma comissão para estudar o assunto. Foram indicados para essa comissão (coordenada por Kuhlmann e secretariada por Alvin) Milanez, Rawitscher, Krug, Monteiro Filho, Camargo e Vasconcellos Sobrinho. Um manifesto, de 1949, elaborado por essa comissão afirmava: “Há muito que se faz sentir, nos meios científicos do País, a necessidade da criação de uma sociedade de Botânica, que congregue todas as pessoas interessadas neste ramo da ciência, e tendo por finalidade promover intercâmbio científico entre seus associados e estimular, por todos os meios ao seu alcance, as pesquisas sobre ciência botânica, em qualquer de seus aspectos” (Manifesto..., 1949).

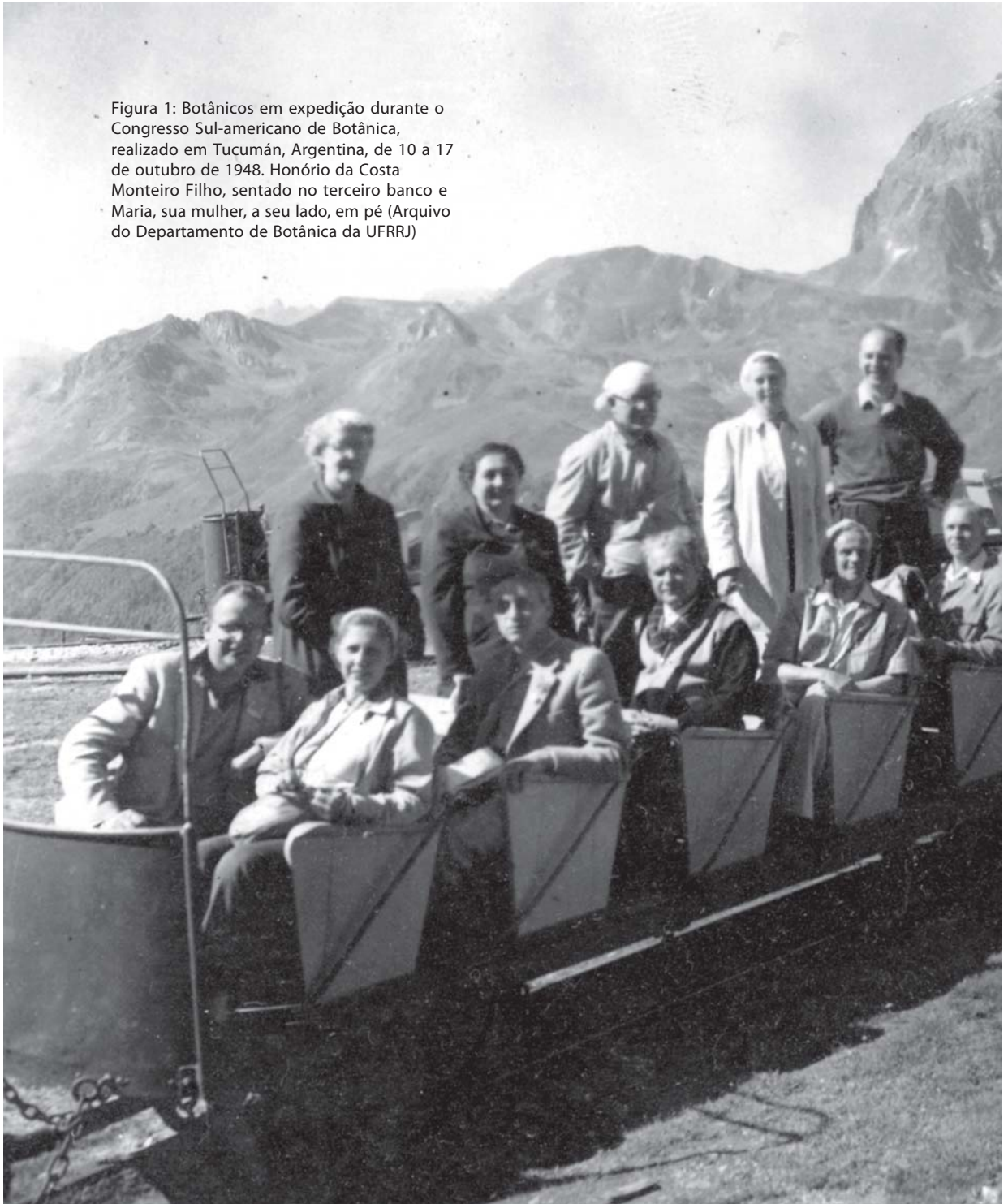
Em reunião dessa comissão, Monteiro Filho propôs que a primeira reunião anual da Sociedade fosse realizada na Universidade Rural, em Seropédica, em janeiro de 1950 (Alvin, 2000; Nogueira, 2000). “Os trabalhos de instalação da Sociedade realizaram-se, então, na sede da Universidade Rural, no quilômetro 47 da antiga rodovia Rio-São Paulo, em 9 de janeiro de 1950. Presidiu a sessão inaugural de instalação o Diretor da Escola Nacional de Agronomia, Prof. Alcides Franco, que disse da honra que representava para aquela Universidade a escolha de sua sede para os primeiros trabalhos da novel Sociedade. Convidou, então, para tomarem parte na mesa os Srs. Profs. Félix Rawitscher, Fernando R. Milanez, Monteiro Filho, Geraldo Kuhlmann, Alexandre Brade e o Prefeito de Itaguaí, Sr. José Maria de Brito” (Ata..., 9 jan. 1950).

Nessa ocasião procedeu-se à eleição da primeira diretoria, assim composta: presidente: Heitor Vinicius da Silveira Grilo (ENA); vice-presidente: João Geraldo Kuhlmann (JBRJ); primeiro secretário: Honório Monteiro Filho (ENA); segundo secretário: Luiz Emygdio de Mello Filho (Museu Nacional); tesoureiro: coronel Adir Guimarães (Ministério do Exército); e editor: Fernando R. Milanez (JBRJ). Para o Conselho foram eleitos Félix Rawitscher (Universidade de São Paulo, USP), Álvaro Fagundes (Serviço Nacional de Pesquisas Amazônicas), Friedrich Brieger (USP), Vasconcelos Sobrinho (IPA [Herbário Dárdano de Andrade Lima]), Paulo de Tarso Alvin (Universidade Federal de Minas Gerais), Alaric Schultz (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e Alexandre Brade (JBRJ).

Nogueira (2000), debruçando-se sobre a Sociedade Brasileira de Botânica (SBB), ressalta que, de acordo com os primeiros estatutos, caberia aos membros da diretoria, com mandato de um ano, realizar reunião anual, cujo presidente seria o da sociedade.

Os fatos de a instalação da SBB ter sido noticiada em vários jornais da Capital Federal, de os botânicos terem sido recebidos pelo presidente da República, de o encerramento da reunião ter ocorrido no Ministério da Agricultura e de tal evento ter sido noticiado no Diário Oficial da União (Brasil, 17 jan. 1950)⁷ mostram a importância dada à criação da SBB, bem como a liderança e o reconhecimento que aquele grupo de cientistas detinha.

Figura 1: Botânicos em expedição durante o Congresso Sul-americano de Botânica, realizado em Tucumán, Argentina, de 10 a 17 de outubro de 1948. Honório da Costa Monteiro Filho, sentado no terceiro banco e Maria, sua mulher, a seu lado, em pé (Arquivo do Departamento de Botânica da UFRJ)



O período de fundação da SBB corresponde a um importante momento político nacional do ponto de vista científico. A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência havia sido fundada em 1948, propugnando por um desenvolvimento científico, tecnológico e cultural adequado às reais necessidades do país. No ano seguinte ao da fundação da SBB foi criado



o Conselho Nacional de Pesquisa, hoje Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cabendo-lhe o estímulo e fomento às atividades de pesquisa científica e tecnológica realizadas por cientistas brasileiros. Também em 1951 instituiu-se a Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior, atual Coordenação de

Pessoal de Nível Superior com a responsabilidade de traduzir as políticas públicas de formação de recursos humanos, dentro do propósito predominante de contribuir para a melhoria da educação superior (Peixoto, 1999; Nogueira, 2000).

O Rio de Janeiro abrigava o Congresso Nacional e se comportava como caixa de ressonância política do país. Heitor Grillo, com sua vivência à frente de uma das mais importantes instituições de ensino e pesquisa de ciências agrárias – a Universidade Rural – e sua integração à comunidade científica através da SBB, assumiu a vice-presidência do CNPq, colaborando estreitamente com seu presidente, almirante Álvaro Alberto, no fomento a programas e projetos para o avanço da ciência e da tecnologia.

No decorrer de 1950, a diretoria da SBB realizou reuniões mensais para tratar de assuntos administrativos e científicos ligados à vida da nova Sociedade e à inserção da botânica nesse momento de efervescência da comunidade científica. No segundo semestre organizou também um programa de conferências mensais, tendo sido proferidas seis palestras, sendo Monteiro Filho debatedor ou palestrante em algumas dessas reuniões. Uma vez estabelecida a SBB, Monteiro Filho procurou dela participar ativamente, tendo em alguns anos ocupado cargos de presidente (1959) (Figuras 2 e 3), vice-presidente (1975) e primeiro secretário (1950 e 1951). Nos congressos anuais presidiu ou secretariou diversas reuniões técnicas.

Por suas atividades na SBB Monteiro Filho recebeu a deferência de “Presidente de Honra” no 23º Congresso Nacional de Botânica, realizado em Guaranhuns (PE), em 1972. E em 2010, quando a SBB completou sessenta anos, foi homenageado (*in memoriam*) com outros presidentes da Sociedade.



Figura 2: Capa e primeiras páginas do “Livro de programa” do décimo Congresso Nacional de Botânica, realizado de 18 a 24 de janeiro de 1959, na UFRRJ, sendo Honório da Costa Monteiro Filho presidente da Sociedade Botânica do Brasil (Arquivo do Departamento de Botânica da UFRRJ)

Importantes trabalhos na reunião dos botânicos

A instalação amanhã, na Universidade Rural, da X Reunião Anual da Sociedade Botânica do Brasil

"Mais de 60 trabalhos originais no campo da Botânica serão discutidos durante a X Reunião da Sociedade Botânica do Brasil, o que evidencia sua importância para os estudiosos desse ramo científico no Brasil", declarou à reportagem do *Correio da Manhã* o prof. Honório da Costa Monteiro Filho, presidente da entidade.

O conclave será realizado na Universidade Rural (Km 47 da antiga estrada Rio-São Paulo), estando sua abertura marcada para amanhã, na Reitoria da UR, às 15 horas. Os trabalhos se prolongarão até o dia 26, incluindo-se na agenda três excursões ao campo.

PESQUISAS NOVAS

Entre os trabalhos, informa o prof. Honório Monteiro, incluem-se pesquisas envolvendo descobertas novas no terreno da fisiologia vegetal, assim como da anatomia e morfologia e também a descrição de muitas espécies novas no domínio da Sistemáti-

ca. Alguns estudos versarão sobre o emprego de herbicidas e ervas daninhas, assunto de palpitante atualidade, face às relações com as práticas agrícolas.

"Para a reunião, aduz, já confirmaram suas adesões botânicos de todas as regiões do Brasil onde se realizam pesquisas científicas. O cientista F. Went, autoridade mundial em fisiologia vegetal, e que se acha de passagem pelo Brasil, aderiu também e irá participar dos trabalhos, já tendo mesmo reservado acomodações na Universidade Rural."

EXCURSÕES CIENTÍFICAS

Além de debates sobre as teses e comunicações apresentadas os congressistas realizarão excursões científicas para observação da flora, no município de Itaguaí e no Parque Nacional de Itatiaia, inclusive a região das Prateleiras, a 2.600 metros, onde se encontra vegetação interessante. Em Itaguaí, os botânicos serão homenageados pela Prefeitura Municipal com um almoço nas próprias matas que serão objeto da excursão.

O conclave, de iniciativa da Sociedade Botânica, tem o patrocínio de diversas instituições como a Universidade Rural, Serviço Nacional de Pesquisas Agronômicas, Divisão de Fomento Vegetal, Serviço de Ecologia Agrícola, Serviço Florestal, Federal e outras.

A sessão de instalação terá caráter solene, às 15 horas de amanhã, no Salão Nobre "Gustavo Dutra", da Universidade e constará do discurso do presidente da Sociedade Botânica, que fará um histórico da entidade e especialmente dos nove congressos até agora realizados. O Reitor da Universidade Rural, prof. Hilton Sales, falará também, apresentando as boas-vindas aos congressistas. Em seguida será prestada homenagem póstuma aos botânicos João Geraldo Kuhlmann, J. Dedecca, José C. Paixão e Adolpho Ducke, este falecido há poucos dias em Fortaleza.

Figura 3: Matéria publicada no jornal *Correio da Manhã*, em 17 de janeiro de 1959, sobre o décimo Congresso Nacional de Botânica, promovido pela Sociedade Botânica do Brasil, sendo seu presidente o agrônomo e botânico Honório da Costa Monteiro Filho (Arquivo do Departamento de Botânica da UFRRJ)

A pesquisa

Com aproximadamente setenta publicações tratando de revisões taxonômicas, descrições de novos táxons, morfologia de plantas, filosofia, botânica econômica, notas de pesquisa e opiniões, Monteiro Filho mostrou-se grande conhecedor de plantas têxteis, saber oriundo, predominantemente, de sua experiência no Ministério da Agricultura que buscava, nesse tempo, agregar valor aos cultivos e aos produtos deles decorrentes (Tabela 2). Ainda lotado no Serviço de Plantas Têxteis, Monteiro Filho (1936, p.3) observa: “Atualmente uma propaganda intensa vem sendo desenvolvida no sentido de se resolver este importante problema: o de libertar a nossa agricultura da importação das fibras para os tecidos destinados a embalar os seus produtos”. Assim sendo, contribuiu substancialmente para a taxonomia das malváceas brasileiras, grupo relevante para o fornecimento têxtil. Publicou aproximadamente 25 artigos entre revisões e descrições de novos táxons, e notas acerca de nomenclatura e sistemática, agregando valor às espécies brasileiras dessa família. Descreveu cerca de cinquenta táxons validamente publicados⁸, estabelecendo três subfamílias, quatro subtribos, dois gêneros e uma seção e subseção. O conhecimento taxonômico era então essencial para que pesquisas em outros campos de conhecimento pudessem ser desenvolvidas, sobretudo aquelas que tinham como objetivo evitar perdas por doenças e pragas à cultura de algodão (principalmente estudos em fitopatologia e entomologia) e ganhos econômicos advindos do uso de fibras vegetais e outros produtos vegetais (química de produtos naturais). A intensa correspondência que mantinha com diferentes cientistas do país, tratando da identificação de espécimes, principalmente de Malvaceae, dá conta da importância da pesquisa taxonômica realizada pelo cientista para o desenvolvimento da agricultura e para o conhecimento da flora do Brasil (Figura 4).

Data de 1924 seu primeiro artigo tratando do estudo sobre o melhoramento do algodão (Monteiro Filho, 1924), no qual discute técnicas para tal cultivo e as espécies dessa importante cultura. Sem dúvida baseado em muitas horas de estudo e coragem para o enfrentamento de problemas taxonômicos, publica 12 anos depois a *Monografia das malváceas brasileiras*: o gênero *Sida* (Monteiro Filho, 1936), em que apresenta uma chave para o reconhecimento das 45 espécies do gênero então conhecidas, obra ainda hoje muito citada por cientistas do Brasil e do exterior que se dedicam ao estudo das espécies desse gênero (Figura 5). Nesse trabalho ele já reconhece os mericarpos⁹ como excelente auxílio na identificação dessas espécies, elaborando um pequeno catálogo de sua morfologia.

O gênero *Sida* é um dos mais numerosos e polimórficos da família Malvaceae, e dele se reconhecem atualmente 83 espécies (Bovini, Esteves, Duarte, 2012). Outras importantes contribuições, ainda nessa linha, são “As espécies argentinas, brasileiras e uruguaias da seção *Malvinda* do gênero *Sida*” (Monteiro Filho, 1949) e “Revisão das espécies do gênero *Sida*, seção *Sida*, subseção *Distichaefolia*” (Monteiro Filho, 1964).

Várias pesquisas que resultaram em notas taxonômicas foram divulgadas pelo cientista, destacando a série de quatro artigos tratando de “Malvaceae brasilienses” e apresentando novas combinações, novidades nomenclaturais ou novos táxons.

Após cinco décadas dedicadas aos estudos de Malvaceae, encerra suas atividades na pesquisa com o artigo “Sistema taxonômico das Malvaceas brasileiras” (Monteiro Filho,



SECRETARIA DA AGRICULTURA
INSTITUTO BIOLÓGICO

N.º SFV/112

São Paulo, 15 de Outubro de 1962.

Ilmo. Snr.
Prof. Honorio da Costa Monteiro Filho
DD. Diretor da Escola Nacional de Agronomia
Prof. catedrático de Botânica
Caixa Postal 25

CAMPO GRANDE
Est. da Guanabara

Mui prezado Prof. Honório Monteiro e amigo,

Ao voltar de uma viagem prolongada, fiquei satisfeitosíssimo em encontrar o seu gentil ofício N.º 131 de 17/8/62 contendo a determinação, para nos tão valiosa, das malváceas que fizeram parte da nossa remessa de 24 de Julho.

Em primeiro lugar, queria agradecer-lhe mui cordialmente pela atenção que deu à nossa solicitação, atenção essa que resultou na classificação do material.

Preciso esclarecer que recebi as sementes que deram origem às plantas remetidas, do amigo Krapovickas na Argentina de maneira que não possa afirmar que todos os materiais provêm do Brasil.

Em todo caso, uma vez que dispomos de mais material da "espécie" N.º 107, temos muito prazer em enviá-lo em anexo. Na lista que recebi do Dr. Krapovickas, Corumbá é indicado como lugar da colheita desse material.

Agradecendo-lhe por mais esta prova de eficiente colaboração, apresento-lhe os protestos de grande estima e de sincera amizade.

Atenciosamente

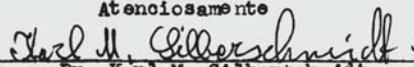

Dr. Karl M. Silberschmidt
Chefe da Seção de Fisiologia Vegetal
Instituto Biológico
Caixa Postal 7119
São Paulo

Figura 4: Carta enviada pelo Dr. Karl M. Silberschmidt, do Instituto Biológico de São Paulo, a Honório da Costa Monteiro Filho agradecendo a identificação de espécimes de Malvaceae (Coleção H. C. Monteiro Filho, Arquivo do Departamento de Botânica da UFRRJ)

30/ Setembro / 1935

1

Grupos da Seção Malvinda, genero Sida

Seção Malvinda

- 1- Folhas lobadas ou palmadas (não bras.) I- OLIGANDRAE
- 2- Folhas ~~interias~~ não lobadas
 - 1- Plantas providas de pelos capitulados, conspicuo viscoso, Carp. 5- II- GLUTINOSAE
ou se providas Carp. + de 8
 - 2- Plantas não providas de pelos capitulados, Carp. 5 a ∞
 - 1- Caule na base do peciolo aculeado ou tuberculado. ~~Carp. 5 a ∞~~ ^{Carp. 5 a 10} III- SPINOSAE
 - 2- Caule não tuberculado nem aculeado Carp. 5 a ∞
 - 1- Estípulas persistentes após a queda das folhas. Carpídios 5. IV- STIPULATAE
 - 2- Estípulas não persistentes após a queda das folhas Carp. 5 a ∞. ~~IV~~
 - 1- ~~Carpídios 5 a ∞~~ Estípulas ^{parvas} ~~longas~~ ^{deformadas}, Folhas ^{parvas} ~~disticas~~ ^{ou triangulares} - V- ACUTAE
 - 2- ~~Carpídios 5 a ∞~~ Estípulas ^{parvas} ~~longas~~ ^{deformadas}, Folhas ^{parvas} ~~espiraladas~~ ^{ou triangulares} - VI- URENTAE
 - 1- Carpídios 5 - Flores cingidas em glomerulos axilares - VI- URENTAE
 - 2- Carp. 5 a ∞ - Flores não cingidas em glomerulos axilares - VII- SUBCUNEATAE
Flores ^{parvas} ~~disticas~~ ^{ou triangulares}, no ápice dos ramos curvados pelo peso, flores superiores Carp. 5 a 8

Chaves dos grupos - espécies sul-americanas

- Grupo I- Oligandrae
 - 1- Carpídios ordinariamente 8 - (Peru) — 1- S. palmata = vicinoides ?
 - 2- Carpídios 5
 - 1- Anteras 5 (Bolivia) — 2- S. oligandra K. Sch.
 - 2- Anteras 10 a ∞ #1
 - 1- Folhas trilobadas (Peru) — 3- S. lomaigentonii Uelrich
 - 2- Folhas 5-7 profundamente lobadas (Peru) — 4- S. rupe Uelb.

(vire)

Figura 5: Página do manuscrito tratando da revisão taxonômica de espécies de *Sida*. (Coleção H. C. Monteiro Filho, Arquivo do Departamento de Botânica da UFRRJ)

1974), no qual propõe um novo sistema de classificação para as subfamílias, tribos e subtribos dessa família, tecendo comentários sobre a possibilidade de as bombacáceas serem incluídas nas malváceas, na categoria de subfamília. O avanço de pesquisas em filogenia de plantas, principalmente com o uso de técnicas moleculares nos últimos anos, mostrou que a visão de Monteiro Filho estava correta. Atualmente as espécies bombacáceas encontram-se inseridas na família Malvaceae (APG III, 2009).

Monteiro Filho dedicou-se também ao estudo da morfologia de plantas e publicou a respeito; produziu apostilas didáticas utilizadas no ensino de graduação que apresentam e discutem temas como métrica de lâminas foliares e hipopédio, uma estrutura situada no pecíolo das folhas de algumas dicotiledôneas. O fato de terem sido guardadas em arquivos do Departamento de Botânica, aliado à presença no herbário de exemplares colecionados por turmas de alunos, pode ser visto como demonstrativos de que ensino e pesquisa eram integrados nas atividades desse cientista.

Considerações finais

O estudo da trajetória acadêmica de Monteiro Filho realizado nesta pesquisa revelou as facetas autodidata, empreendedora e de agregação social que o cientista já apresentava desde o início de sua carreira; com o passar do tempo, a isso se somou a competência em temáticas de taxonomia de plantas. As diferentes atividades que desenvolveu foram potencializadas por suas relações com pares na ciência que partilhavam ideais similares de modernização do ensino agrônomo, de capacitação de pessoal para a prática científica que levassem à resolução de problemas da agricultura de então e ao avanço da taxonomia de plantas da flora do Brasil.

Publicou parte de suas pesquisas em periódicos conceituados na época, como muito de seus contemporâneos que militavam nas ciências agrárias ou mais especificamente na botânica. Porém divulgou muito de sua obra em anais dos congressos nacionais de botânica. Algumas de suas pesquisas seguem sendo utilizadas e citadas em estudos taxonômicos que tratam de plantas brasileiras.

Monteiro Filho também priorizou, em sua prática, o contato com seus alunos em sala de aula e no cotidiano institucional; ocupou cargos administrativos e de liderança na comunidade universitária, como se requeria de um catedrático. Valorizou, sobremaneira, atividades em sociedade científicas, recebendo diversos prêmios e homenagens por seu desempenho, destacados na Tabela 1.

Tais honrarias, consideradas reconhecimento por seus méritos acadêmicos, também correspondem ao reconhecimento por seu envolvimento na construção de ambiente propício ao ensino e à pesquisa em botânica.

O notório botânico argentino Antonio Krapovickas homenageou Monteiro Filho descrevendo o gênero *Monteiroa* e as espécies *Abutilon monteiroi*, *Sida honoriana* e *Sida monteiroi*, todos táxons ocorrentes no Brasil e pertencentes à família Malvaceae; e o herbário da Universidade Federal de Alagoas, em seu nome: Herbário Honório da Costa Monteiro Filho. A produção bibliográfica divulgada em revistas científicas e anais de congressos, bem como aquela voltada para os alunos em sala de aula e, portanto, de distribuição

restrita, somada às atividades desenvolvidas como professor e gestor na universidade e em sociedades científicas é aqui apontada como demonstrativo do forte envolvimento desse cientista no projeto reformador do ensino agrônômico no país, bem como no conhecimento da flora do Brasil.

Tabela 1: Homenagens a Honório da Costa Monteiro Filho

Ano	Homenagem
1954	medalha de bronze da Société Botanique de France
1954	cruz de ouro Pro Ecclesiae et Pontifice do Vaticano
1958	medalha do mérito Dom João VI (outorgada por decreto do presidente da República)
1958	flâmula do mérito pelos serviços prestados �� ciência, conferida pelo Instituto Paranaense de Botânica
1961	medalha de ouro, conferida pela Asociación Colombiana de Ingenieros Agrônomos
1963	título de cidadão itaguaiense, conferido pela Câmara Municipal de Itaguaí (RJ)
1964	medalha do mérito agrícola no setor ciência da Confedera��o Rural Brasileira

Tabela 2: Produ  o bibliográfica de Honório da Costa Monteiro Filho

Ano de publica��o	Título e veículo de divulga��o
1924	O melhoramento do algodão. In: Conferência Internacional do Algodão, 1., Rio de Janeiro. <i>Anais...</i> Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, p.501-530.
1928	Da estatística agrícola. <i>Boletim Agrícola e Zootecnia Veterinária</i> , Rio de Janeiro, v.1, n.12, p.39-46.
1933	Aspectos econ��micos de Pernambuco. <i>A Lavoura</i> , Rio de Janeiro, v.37, n.6, p.87-89.
1933	As portulac��ceas do ponto de vista fitogeográfico. Rio de Janeiro: Diretoria de Plantas Têxteis/Ministério da Agricultura. n.2. p.1-4.
1934	Contribui��o Botânica ao estudo da juta. <i>Boletim do Ministério da Agricultura</i> , Rio de Janeiro, v. 23, n.1, p.61-64.
1934	Contribui��o ao estudo da flora brasileira: columniferas mineiras. <i>Boletim do Ministério da Agricultura</i> , Rio de Janeiro, v.23, n.3, p.45-49.
1934	Botânica das plantas têxteis. <i>Algodão</i> , Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.13-14.
1934	Erros acumulados. <i>Boletim do Ministério da Agricultura</i> , Rio de Janeiro, v.24, n.7-9, p.129-130.
1934	Fitogeografia das plantas têxteis. <i>Algodão</i> , Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.7-8.
1935	A juta na economia nacional. <i>Algodão</i> , Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.11-12.
1935	A juta paulista. <i>Algodão</i> , Rio de Janeiro, v.2, n.7, p.69-70.
1935	O algodoeiro: contribui��o �� vulgariza��o de seu estudo botânico. <i>Algodão</i> , Rio de Janeiro, v.2, n.11, p.1-10.
1935	Verd��o: <i>Gossypium peruviana</i> Cav. <i>Algodão</i> , Rio de Janeiro, v.2, n.13, p.11-12.
1936	<i>Monografia das malváceas brasileiras: o gênero Sida</i> . Fasc.1. Rio de Janeiro: Diretoria de Estatística da Produ��o/Ministério da Agricultura.
1936	Têxteis liberianos. <i>Algodão</i> , Rio de Janeiro, v.3, n.17, p.9-11.
1936	Botânica do algodoeiro. <i>Algodão</i> , Rio de Janeiro, v.3, n.18, p.14-16.
1936	Têxteis brasileiros. <i>Algodão</i> , Rio de Janeiro, v.3, n.25-26, p.4.
1937	<i>Invariantes biológicos</i> . Rio de Janeiro: Diretoria de Estatística da Produ��o/Ministério da Agricultura.
1937	Malváceas do Distrito Federal. <i>Revista da Flora Medicinal</i> , Rio de Janeiro, n.11, p.1-14. (Ministério da Agricultura).

Tabela 2 (cont.): Produção bibliográfica de Honório da Costa Monteiro Filho

Ano de publicação	Título e veículo de divulgação
1937	Os lírios do gênero <i>Hippeastrum</i> . <i>Revista da Sociedade Brasileira de Agronomia</i> , Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.105-108.
1938	Tiliaceae novae. <i>Lilloa</i> , Tucumán, n.3, p.243-249.
1941	Introdução filosófica ao estudo da Botânica I. <i>Agronomia</i> , Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.14-16.
1941	<i>Sida jamaicensis</i> L. <i>Boletim da Sociedade Brasileira de Agronomia</i> , Rio de Janeiro, v.4, n.2, p.246.
1941	O sexo das flores. <i>Boletim da Sociedade Brasileira de Agronomia</i> , Rio de Janeiro, v.4, n.3, p.279-284.
1942	<i>Sida</i> sul-riograndenses: chave das espécies. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola/Ministério da Agricultura.
1942	A nova sistemática. <i>Rodriguésia</i> , Rio de Janeiro, v.6, n.15, p.1-7.
1942	Introdução filosófica ao estudo da Botânica I. <i>Agronomia</i> , Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.14-16.
1944	Introdução filosófica ao estudo da Botânica II. <i>Agronomia</i> , Rio de Janeiro, v.1, n.3, p.128-131.
1944	Introdução filosófica ao estudo da Botânica III. <i>Agronomia</i> , Rio de Janeiro, v.3, n.2, p.11-16.
1945	O agrônomo e a botânica. <i>Agronomia</i> , Rio de Janeiro, v.4, n.4, p.4-12.
1949	As espécies argentinas, brasileiras e uruguaias da seção Malvinda do gênero <i>Sida</i> . <i>Lilloa</i> , Tucumán, v.17, p.501-523.
1949	Malváceas Krapovickasianas do gênero <i>Sida</i> . <i>Lilloa</i> , Tucumán, n.17, p.523-527.
1949	Problemas na morfologia vegetal. <i>Agronomia</i> , Rio de Janeiro, v.8, n.2, p.151-156.
1951	Uma teoria da posição dos ramos. In: Congresso Brasileiro de Botânica, 2., 1951, Viçosa. <i>Anais... Viçosa: Sociedade Botânica do Brasil</i> . p.22-23.
1953	Chaves baseadas em caracteres objetivos: gênero <i>Hyptis</i> (Labiatae). In: Congresso da Sociedade Botânica do Brasil, 4., 1953, Recife. <i>Anais... Recife: Sociedade Botânica do Brasil</i> . p.9-20.
1953	Nova chave para as espécies brasileiras do gênero <i>Triumfetta</i> (Tiliaceae). <i>Dusenía</i> , Curitiba, v.4, n.2, p.103-113.
1953	Uma nova variedade de <i>Waltheria communis</i> A.St.-Hil. <i>Agronomia</i> , Rio de Janeiro, v.12, n.3-4, p.197-199.
1953	Hipopédio: um novo órgão das dicotiledôneas. In: Congresso Nacional da Sociedade Botânica do Brasil, 4., 1953, Recife. <i>Anais... Recife: Sociedade Botânica do Brasil</i> . p.43-47.
1954	Malvaceae espontâneas e subespontâneas do km 47 (UFRRJ). <i>Agronomia</i> , Rio de Janeiro, v.13, n.1, p.49-56.
1954 -1955	Malvaceae brasilienses novae vel criticae I. <i>Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais</i> , Lisboa, v.5, n.2, p.119-140.
1955	Enraizamento em <i>Coleus blumei</i> Benth. <i>Agronomia</i> , Rio de Janeiro, v.14, n.3-4, p.311-313.
1955	Notulae in Malvaceae I. <i>Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais</i> , Lisboa, v.2, n.19, p.141-142.
1956	Contribuição ao estudo do gênero <i>Abutilon</i> . In: Congresso Brasileiro de Botânica, 7., 1956, Cruz das Almas. <i>Anais... Cruz das Almas: Sociedade Botânica do Brasil</i> . p.91-94.
1956	Malvaceae fluminenses invasoras de cultivo. In: Seminário de Ervas Daninhas, 1., 1956, Rio de Janeiro. <i>Anais... Rio de Janeiro: Sociedade Botânica do Brasil</i> . p.185-194.
1957	Da espécie. <i>Arquivos do Serviço Florestal</i> , Rio de Janeiro, v.11, p.176-211.

Tabela 2 (cont.): Produção bibliográfica de Honório da Costa Monteiro Filho

Ano de publicação	Título e veículo de divulgação
1961	<i>Typhalaea</i> Necker (Malvaceae). In: Reunião da Sociedade Botânica do Brasil, 12., 1961, Rio de Janeiro. <i>Anais...</i> Rio de Janeiro: Sociedade Botânica do Brasil. p.28-31.
1962	Novidades e problemas taxonômicos em plantas invasoras. In: Seminário Brasileiro de Herbicidas e Ervas Daninhas, 4., 1962, Rio de Janeiro. <i>Anais...</i> Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Herbicidas e Ervas Daninhas. p.47-50.
1964	Revisão das espécies do gênero <i>Sida</i> , seção <i>Sida</i> , subseção <i>Distichaefolia</i> . In: Congresso Nacional de Botânica, 15., 1964, Porto Alegre. <i>Anais...</i> Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil. p.53-70.
1966	<i>Pseudomalachra</i> , novo gênero de Malvaceae. In: Congresso Brasileiro de Botânica, 17., 1966, Brasília. <i>Anais...</i> Brasília: Sociedade Botânica do Brasil. p.44-49.
1967	Uma nova espécie do gênero <i>Monteiroa</i> Krapov. (Malvaceae). In: Congresso Nacional de Botânica, 18., 1967, Rio de Janeiro. <i>Anais...</i> Rio de Janeiro: Sociedade Botânica do Brasil. p.83-84.
1968	Novidades no gênero <i>Sida</i> . In: Congresso Nacional de Botânica, 19., 1968, Fortaleza. <i>Anais...</i> Fortaleza: Sociedade Botânica do Brasil. p.41-49.
1968	Plantae vellozianae criticae. <i>Revista da Faculdade de Ciências Naturais</i> , Lisboa, v.15, n.2, p.269-274.
1969	<i>Physalastrum</i> , novo gênero de Malvaceae. In: Congresso Brasileiro de Botânica, 20., 1969, Goiânia. <i>Anais...</i> Goiânia: Sociedade Botânica do Brasil. p.395-404.
1969	Malvaceae brasilienses novae vel criticae II. <i>Revista da Faculdade de Ciências Naturais</i> , Lisboa, v.16, n.1, p.15-36.
1972	Uma nova <i>Melochia</i> brasileira. In: Congresso Nacional de Botânica, 23., 1972, Garanhuns. <i>Anais...</i> Garanhuns: Sociedade Botânica do Brasil. p.111-113.
1972	Malvaceae brasilienses novae vel criticae IV. In: Congresso Nacional de Botânica, 23., 1972. <i>Anais...</i> Garanhuns: Sociedade Botânica do Brasil. p.116-135.
1972	<i>Sida rhombifolia</i> L. var. <i>canariensis</i> (Wild.) Gris. (Malvaceae): um problema de nomenclatura. In: Congresso Nacional de Botânica, 23., 1972, Garanhuns. <i>Anais...</i> Garanhuns: Sociedade Botânica do Brasil. p.165-166.
1973	Comentários sobre algumas espécies de Cavanilles. <i>Portugaliae Acta Biologica</i> , Lisboa, v.12, n.1-4, p.132-140.
1974	Malvaceae brasilienses novae vel criticae III. <i>Portugaliae Acta Biologica</i> , série B, sistemática, Lisboa, v.12, p.142-152.
1974	Sistema taxonômico das Malvaceae brasileiras. In: Congresso Nacional de Botânica, 25., 1974, Mossoró. <i>Anais...</i> Mossoró: Sociedade Botânica do Brasil. p.171-176.
1974	Uma nova entidade morfológica. In: Congresso Nacional de Botânica, 25., 1974, Mossoró. <i>Anais...</i> Mossoró: Sociedade Botânica do Brasil. p.45-47.
1974	Contribuição para o estudo das espécies do gênero <i>Cecropia</i> do Brasil. In: Congresso Nacional de Botânica, 25., 1974, Mossoró. <i>Anais...</i> Mossoró: Sociedade Botânica do Brasil. p.163-170.
1975	Malvaceae brasilienses novae vel criticae V. In: Congresso Nacional de Botânica, 26., 1975, Rio de Janeiro. <i>Anais...</i> Rio de Janeiro: Sociedade Botânica do Brasil. p.401-412.

AGRADECIMENTOS

Aos professores do Departamento de Botânica da UFRRJ e, especialmente, a Maria Mercedes Teixeira da Rosa, Joecildo Francisco Rocha e Inês Machline Silva, pela disponibilidade de nos receber e, sobretudo, ajudar a localizar arquivos, pastas de documentos e fotografias. Ao professor Adriano Lucio Peracchi e à professora Maria do Carmo da Costa Monteiro e a sua irmã Maria Paula, filhas de Monteiro Filho, por compartilhar conosco momentos importantes de suas vidas e por nos mostrar o fusquinha amarelo que pertenceu ao professor Honório, e finalmente à historiadora do JBRJ Begonha Bediaga pela leitura crítica do texto.

NOTAS

¹ Listagem contendo 40.982 táxons brasileiros elaborada por 413 taxonomistas de instituições do Brasil e do exterior, apresentando o nome da espécie e seu autor, distribuição geográfica, citação de um espécime de referência com herbário em que se encontra depositado (*voucher*).

² RBR é a sigla, reconhecida e registrada internacionalmente, do herbário da UFRRJ.

³ Entrevistas não estruturadas, em cadernos de anotações pertencentes aos acervos pessoais dos autores.

⁴ Decreto-lei n.6.155, de 30 de dezembro de 1943, e decreto-lei n.16.787, de 11 de outubro de 1944, que reorganiza o Cnepa, os cursos de aperfeiçoamento e especialização tomando então a dimensão de programas de pós-graduação.

⁵ Joaquim Liberato Barroso, agrônomo do Ministério da Agricultura que exerceu atividades em diversas cidades do Brasil, principalmente com cultura do algodão, e no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, com experimentos florestais e sistemática de plantas.

⁶ Os nomes desses cientistas, o de Monteiro Filho entre eles, encontram-se listados no programa do referido congresso, reproduzido por Mello-Filho, Peixoto (2000), que os denominam pré-fundadores da SBB.

⁷ “No salão de projeção do Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, realizou-se, ontem, a sessão de encerramento da 1ª Reunião Anual da Sociedade de Botânica do Brasil, cujos trabalhos foram dirigidos pelo professor Heitor Grilo, Presidente da novel entidade, que congrega grande número de botânicos e naturalistas brasileiros e estrangeiros.”

⁸ Táxon validamente publicado é aquele efetivamente publicado, acompanhado de descrição ou diagnose em latim, contendo a indicação do tipo nomenclatural (espécime utilizado pelo autor na caracterização do táxon).

⁹ Parte de um fruto do tipo esquizocarpo (fruto seco com dois ou mais carpelos que se separam na maturação) que se dispersa isoladamente, comum em algumas famílias botânicas como Malvaceae, Euphorbiaceae, Sapindaceae e Malpighiaceae.

REFERÊNCIAS

- ALVIN, Paulo.
As origens da Sociedade Botânica do Brasil: reminiscências de um sócio fundador. In: Barradas, Maria Mércia; Nogueira, Eliana (Org.). *Trajatória da Sociedade Botânica do Brasil em 50 anos*. Brasília: Sociedade Botânica do Brasil. p.17-22. 2000.
- APG III.
An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants. *Botanical Journal of the Linnean Society*. London, v.161, n.2, p.105-121. 2009.
- ARAÚJO, João Sebastião Pereira.
Honório Monteiro. *Rural Semanal*, Rio de Janeiro, n.19, p.2. jun. 2008.
- ATA...
Ata de criação da Sociedade Botânica do Brasil. (Arquivo do Departamento de Botânica da UFRRJ). 9 jan. 1950.
- BOVINI, Massimo Giuseppe.
Sida. In: Jardim Botânico do Rio de Janeiro. *Lista de espécies da flora do Brasil*. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012>. Acesso em: 12 nov. 2012.
- BOVINI, Massimo Giuseppe; ESTEVES, Gerleni Lopes; DUARTE, Marília Cristina. Malvaceae. In: Jardim Botânico do Rio de Janeiro. *Lista de espécies da flora do Brasil*. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012>. Acesso em: 12 nov. 2012.
- BRASIL.
Diário Oficial da União. Seção 1, p.8. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2270925/dou-secao-1-17-01-1950-pg-8>. Acesso em: 8 nov. 2012. 17 jan. 1950.
- DEPARTAMENTO...
Departamento de Botânica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Notas sobre herbário. *Eugeniana*, Rio de Janeiro, v.5, p.4. 1983.
- JBRJ.
Jardim Botânico do Rio de Janeiro. *Lista de espécies da flora do Brasil*. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012>. Acesso em: 12 nov. 2012.
- MANIFESTO...
[Manifesto de botânicos]. Rio de Janeiro. (Arquivo do Departamento de Botânica da UFRRJ). 1949.

MELLO-FILHO, Luiz Emygdio; PEIXOTO, Ariane Luna.
Sociedade Botânica do Brasil: memórias de seu nascimento. In: Barradas, Maria Mércia; Nogueira, Eliana (Org.). *Trajatória da Sociedade Botânica do Brasil em 50 anos*. Brasília: Sociedade Botânica do Brasil. p.24-27. 2000.

MENDONÇA, Sônia Regina.
Agronomia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Vício de Leitura. 1998.

MONTEIRO FILHO, Honório da Costa.
Sistema taxonômico das Malvaceae brasileiras. In: Congresso Nacional de Botânica, 25, 1974, Mossoró. *Anais...* Mossoró: Sociedade Botânica do Brasil. p.171-176. 1974.

MONTEIRO FILHO, Honório da Costa.
Revisão das espécies do gênero *Sida*, seção *Sida*, subseção *Distichaefolia*. In: Congresso Nacional de Botânica, 15, 1964, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil. p.53-70. 1964.

MONTEIRO FILHO, Honório da Costa.
As espécies argentinas, brasileiras e uruguaias da seção *Malvinda* do gênero *Sida*. *Lilloa*, Tucumán, v.17, p.501-524. 1949.

MONTEIRO FILHO, Honório da Costa.
Monografia das malváceas brasileiras: o gênero Sida. Fasc.1. Rio de Janeiro: Diretoria de Estatística da Produção/Ministério da Agricultura. 1936.

MONTEIRO FILHO, Honório da Costa.
O melhoramento do algodão. In: Conferência

Internacional do Algodão, 1, 1924, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, p.501-530. 1924.

MOTOYAMA, Shozo.
1930-1964: período desenvolvimentista. In: Motoyama, Shozo (Org.). *Prelúdio para uma história: ciência e tecnologia no Brasil*. São Paulo: EdUSP. p.249-316. 2004.

NOGUEIRA, Eliana.
Uma história brasileira da botânica. Brasília: Paralelo 15. 2000.

OLIVER, Graciela de Souza.
Institucionalização das ciências agrícolas e seu ensino no Brasil, 1930-1950. São Paulo: Annablume. 2009.

OLIVER, Graciela de Souza; FIGUEIROA, Silvia Fernanda de Mendonça.
Ceres, as mulheres e o sertão: representações sobre o feminino e a agricultura brasileira na primeira metade do século XX. *Cadernos Pagu*. Campinas, n.29, p.365-397, jul.-dez. 2007.

PEIXOTO, Ariane Luna.
Brazilian botany on the threshold of the 21th century: looking through the scientific collections. *Ciência e Cultura*, Campinas, v.51, n.5-6, p.349-362. 1999.

RODRIGUES, Cyro Mascarenhas.
A pesquisa agropecuária federal no período compreendido entre a República Velha e o Estado Novo. *Caderno de Difusão Tecnológica*, Brasília, v.4, n.2, p.129-153. 1987.

